

## POESIA, CONTEMPORANEIDADE E ENDEREÇAMENTO\*

Celia Pedrosa  
(UFF; CNPq)

Como um poeta atinge sua época? Como um poema atinge sua época? Quais questões do nosso tempo seriam imprescindíveis ao poema, no poema?

Onde está a poesia? Quando o poema é poema? A poesia tem um modo de usar ou de ousar? Qual a melhor maneira de ensinar a ler poesia?

Nessas questões propostas pelas organizadoras da revista *Matraga*, vejo antes de mais nada uma inquietação característica, ou melhor, constitutiva mesmo, na modernidade, da *literatura* enquanto prática diferenciada face às *Belas Artes* clássicas, institucionalizadas. Essa perspectiva me permite situar tanto a poesia moderna quanto a contemporânea, assim como sua recepção crítica, num *contexto* instável e inacabado, e que por isso mais precisamente deveria ser nomeado como *campo de forças*<sup>1</sup>.

Assim posso tentar evitar um viés historicista, que define unívoca e antagonicamente o moderno e o pós-moderno, bem como os valores que em um ou outro devam servir de paradigma. É esse aliás o objetivo de Jean-François Lyotard, ao fazer a auto-crítica de sua primeira avaliação do pós-moderno e a ela contrapor o contemporâneo como constante retorno ou *perlaboração* da modernidade<sup>2</sup>.

Identificamos esse movimento nas releituras feitas hoje, entre outros, por Paul de Man e Alfonso Berardinelli, nela apontando forças conflitantes recalcadas por uma compreensão mais canônica, e dicotômica, das relações entre a poesia e a prosa do mundo, para lembrar aqui a expressão usada por Michel Foucault em seu célebre *As palavras e as coisas*. Perlaboração semelhante foi já mobilizada por Silviano Santiago em sua reavaliação da literatura modernista brasi-

leira. Em relação à poesia, mais especificamente, acho muito instigante acompanhar, nesse aspecto, os desdobramentos de sua leitura de Drummond, partindo da reflexão derridiana sobre a escritura, para alcançar a ênfase na simplicidade e na comunicabilidade que caracterizariam o percurso do poeta. A mesma ênfase vai orientar também sua leitura da sofisticada poesia de Ana Cristina César, daí retirando indicações para a compreensão da produção contemporânea.

Considero que esta se inscreve num campo de intensificação de forças modernas: a economia liberal de mercado, o desenvolvimento tecnológico e sua influência nas formas e meios de produção, reprodução e circulação das práticas e discursos, associados tanto à crise deflagrada pelas experiências de guerra quanto à demanda por diferentes modos de legitimação individual e coletiva, pela diversidade mesma, enfim. Face a essa intensificação, a inquietação da literatura se manifesta de novo, agora esvaziada, ou liberada, de utopias estéticas ou políticas, e por isso mesmo intensificada também – haja vista o espaço ocupado por diferentes formas de dicção auto-proclamada poética, a desestabilização de parâmetros críticos assim produzida, a vigência de noções como as de silêncio, segredo, aporia, paradoxo, impasse, fragmentação, sitiamento, trauma, fim...

Acredito que nessa tensão entre intensificação e esvaziamento de novo se exercita como desafio a relação entre a poesia, o pensamento e a prosa do mundo. Dela também fala a convivência de perda de identidade e multiplicação de identidades, de enfraquecimento do valor estético e fortalecimento da vontade de insistir fazendo o que se nomeia como poesia, de falta de sentido e provocação de perguntas sobre o sentido. Assim, apesar, e por causa, de Auchwitz e de toda barbárie, continua se manifestando a vontade de fazer e pensar poesia. Apesar, e por causa, da crescente hegemonia da linguagem visual e do surgimento de suportes para a escrita, essa vontade continua a se afirmar, não só aceitando a provocação dessa linguagem e desses novos suportes, mas também investindo na escrita, no livro e lhes garantindo espaço na sociedade da mercadoria e da informação descartáveis e rentáveis.

Assim é que a poesia, como sua crítica, se experimenta mais uma vez, como parte de seu tempo, de sua época – tempo é época, ressalte-se, cujo significado e limites assim também têm fragilizadas sua “realidade” e “positividade”. A esse respeito, gosto de lembrar das considerações de um pensador marxista, Paolo Virno, que enfatiza

manifestarem-se a história e a historicidade justamente nesse exercício da vontade na e como incerteza, expectativa, dúvida, sobre o que foi, é ou está por vir<sup>3</sup>.

Acho que essa forma de história e de historicidade se realiza na vontade de fazer poesia principalmente pela *solicitação* – no duplo sentido derridiano – da figura do leitor, da prática de leitura, como faz Silviano, a propósito de Drummond e de Ana Cristina César, problematizando a dicotomia entre o fácil e o difícil, como aquela que distingue uma poesia para poetas, uma poesia para críticos de poesia e uma poesia para leitores... comuns<sup>4</sup>.

Em função de tudo isso, acho que se podemos – e devemos – falar de uma pedagogia da poesia, não seria mais daquela que ensinaria a lê-la a partir de uma metodologia prévia, de *reconhecimento* estético ou social; mas ao contrário da que nos convida a ler e buscar outros sentidos, outras leituras, outros leitores. Em minha prática profissional de muitos anos, há muitos anos atrás, como professora primária e secundária de escolas públicas, julgava que o despertar naqueles alunos carentes de tudo, do gosto pela literatura e da capacidade de compreendê-la – e especialmente à poesia – só seria possível pela mediação da leitura de textos mais fáceis, mais atrativos, porque mais próximos. Circunscrevia então sob esse rótulo simplista as letras de MPB ou as crônicas de jornal. E, de modo também simplista, definia *a priori* uma identidade e um valor aos *objetos* de minha prática pedagógica, os alunos possíveis leitores.

Eu, professora, não sabia ousar usar, não sabia ensinar a ousar usar. E fazer poesia, ler poesia, é ousar e usar, ousar usar (para Giorgio Agambem, usar é deslocar, profanar)<sup>5</sup>, promovendo assim formas imprevistas de estar próximo, de ser comum, em comum.

## NOTAS

\* Depoimento à revista *Matraga* em 12/06/2010.

<sup>1</sup> Esse conceito fundamental é bem definido por Martin Jay na Introdução a sua coletânea de ensaios intitulada justamente *Campos de fuerza*. Entre la historia intelectual y la crítica cultural (Buenos Aires, Paidós, 2003).

<sup>2</sup> Cf.o ensaio “Re-escrever a modernidade”, no livro do autor *O inumano* (Lisboa: Estampa, 1990).

<sup>3</sup> C. VIRNO, Paolo. *El recuerdo del presente*. Ensayo sobre el tiempo histórico. Buenos Aires: Paidós, 2010.

<sup>4</sup> Essa perspectiva crítica de Silviano está apresentada nos ensaios “Convite à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade”, de sua coletânea *Ora (d)ireis)puxar conversa!* (EdUFMG, 2006) e “Singular e anônimo”, sobre Ana Cristina César, incluído em *Nas malhas da letra* (Cia. das Letras, 1989).

<sup>5</sup> Cf. “Elogio da profanação”. In: *Profanações*. Lisboa: Cotovia, 2006.